

Cuidar dos doentes, expressão do amor de Jesus Cristo

A 29^a edição do Dia Mundial do Doente será celebrada no dia 11 de Fevereiro. É uma oportunidade para dar uma atenção especial aos doentes e aos que cuidam deles.

11/02/2021

Um só é o vosso Mestre e vós sois todos irmãos (Mt 23, 8).

A relação de confiança, na base do cuidado dos doentes

Queridos irmãos e irmãs!

A celebração do 29º Dia Mundial do Doente que tem lugar a 11 de fevereiro de 2021, memória de Nossa Senhora de Lourdes, é momento propício para prestar uma atenção especial às pessoas doentes e aos que as assistem, quer nos centros sanitários, quer no seio das famílias e comunidades. Penso de modo particular nas pessoas que sofrem em todo o mundo os efeitos da pandemia do coronavírus. A todos, especialmente aos mais pobres e marginalizados, expresso a minha proximidade espiritual, assegurando a solicitude e o afeto da Igreja.

1. O tema deste Dia inspira-se no trecho evangélico em que Jesus critica a hipocrisia dos que dizem mas não fazem (cf. *Mt 23, 1-12*). Quando a fé fica reduzida a exercícios verbais estéreis, sem se envolver na história e nas

necessidades do outro, então falha a coerência entre o credo professado e a vida real. O risco é grave; Jesus, para alertar sobre o perigo de cair na idolatria de si mesmo, usa expressões fortes e afirma: “Um só é o vosso Mestre e vós sois todos irmãos” (23, 8).

Esta crítica feita por Jesus àqueles que “dizem e não fazem” (23, 3) é sempre salutar para todos, pois ninguém está imune do mal da hipocrisia, um mal muito grave, cujo efeito é impedir-nos de amadurecer como filhos do único Pai, chamados a viver uma fraternidade universal.

Como reação à necessidade do irmão ou da irmã, Jesus apresenta um modelo de comportamento totalmente oposto à hipocrisia: propõe deter-se, ouvir, estabelecer uma relação direta e pessoal, sentir empatia e compaixão, envolver-se com o seu sofrimento ao ponto de

assumir a responsabilidade dele através do serviço (cf. *Lc* 10, 30-35).

2. A experiência da doença faz-nos sentir a nossa vulnerabilidade e, ao mesmo tempo, a necessidade natural do outro. Torna ainda mais nítida a nossa condição de criaturas, experimentando de maneira evidente a nossa dependência de Deus. De fato, quando estamos doentes, a incerteza, o temor e, por vezes, o pavor impregnam a mente e o coração; encontramo-nos numa situação de impotência, porque a saúde não depende das nossas capacidades nem do nosso desejo (cf. *Mt* 6, 27).

A doença obriga a questionar-se sobre o sentido da vida; uma pergunta que, na fé, se dirige a Deus. Nela, procura-se um significado novo e uma direção nova para a existência e, por vezes, pode não encontrar imediatamente uma resposta. Os

próprios amigos e familiares nem sempre são capazes de nos ajudar nesta busca afanosa.

Emblemática a este respeito é a figura bíblica de Jó. A esposa e os amigos não conseguem acompanhá-lo na sua desventura; antes, acusam-no aumentando nele solidão e desorientação. Jó cai num estado de abandono e confusão. Mas é precisamente através desta fragilidade extrema, rejeitando toda a hipocrisia e escolhendo o caminho da sinceridade para com Deus e os outros, que faz chegar o seu grito instantâneo a Deus, que acaba por responder abrindo-lhe um novo horizonte: confirma que o seu sofrimento não é uma punição nem um castigo, tal como não é distanciamento de Deus nem sinal de indiferença d'Ele. E assim, do coração ferido e recuperado de Jó, brota aquela vibrante e comovente declaração ao Senhor: “Conhecia o

Senhor apenas por ouvir falar, mas, agora, eu o vejo com meus olhos” (*Jó 42, 5*).

3. A doença tem sempre um rosto, e até mais do que um: o rosto de todas as pessoas doentes, mesmo daquelas que se sentem ignoradas, excluídas, vítimas de injustiças sociais que lhes negam direitos essenciais (cf. Enc. *Fratelli tutti*, 22). A atual pandemia colocou em evidência tantas insuficiências dos sistemas sanitários e carências na assistência aos doentes. Viu-se que, aos idosos, aos mais frágeis e vulneráveis, nem sempre é garantido o acesso aos cuidados médicos, ou não o é sempre de forma equitativa. Isto depende das opções políticas, do modo de administrar os recursos e do empenho dos que têm funções de responsabilidade. O investimento de recursos nos cuidados e assistência das pessoas doentes é uma prioridade ditada pelo princípio de

que a saúde é um bem comum primário. Ao mesmo tempo, a pandemia destacou também a dedicação e generosidade de profissionais de saúde, voluntários, trabalhadores e trabalhadoras, sacerdotes, religiosos e religiosas: com profissionalismo, abnegação, sentido de responsabilidade e amor ao próximo, ajudaram, trataram, confortaram e serviram tantos doentes e os seus familiares. Uma série silenciosa de homens e mulheres que decidiram olhar para aqueles rostos, ocupando-se das feridas de pacientes que sentiam como próximo em virtude da pertença comum à família humana.

Com efeito, a proximidade é um bálsamo precioso, que dá apoio e consolação a quem sofre na doença. Enquanto cristãos, vivemos uma tal proximidade como expressão do amor de Jesus Cristo , *o bom Samaritano*, que, compadecido, Se

fez próximo de todo o ser humano, ferido pelo pecado. Unidos a Ele pela ação do Espírito Santo, somos chamados a ser misericordiosos como o Pai e a amar, de modo especial, os irmãos doentes, frágeis e atribulados (cf. *Jo* 13, 34-35). E vivemos esta proximidade pessoalmente, mas também de forma comunitária: na realidade, o amor fraterno em Cristo gera uma comunidade capaz de curar, que não abandona ninguém, que inclui e acolhe sobretudo os mais frágeis.

A propósito, quero recordar a importância da solidariedade fraterna, que se manifesta concretamente no serviço, podendo assumir formas muito diferentes mas todas elas tendentes a apoiar o próximo. “Servir significa cuidar dos frágeis das nossas famílias, da nossa sociedade, do nosso povo”. Neste compromisso, cada um é capaz de, “à vista concreta dos mais frágeis (...),

pôr de lado as suas exigências e expectativas, os seus desejos de omnipotência (...): o serviço olha sempre para o rosto do irmão, toca a sua carne, sente a sua proximidade e, em alguns casos, até ‘padece’ com ela e procura a promoção do irmão. Por isso, o serviço nunca é ideológico, dado que não servimos ideias, mas pessoas” (Francisco, *Homilia em Havana*, 20/IX/2015).

4. Para haver uma boa terapia é decisivo o aspecto relacional, através do qual se pode conseguir uma abordagem holística da pessoa doente. A valorização deste aspecto ajuda também os médicos, enfermeiros, profissionais e voluntários a ocuparem-se daqueles que sofrem para os acompanhar ao longo do itinerário de cura, graças a uma relação interpessoal de confiança (cf. *Nova Carta dos Agentes da Saúde*, 2016, 4). Trata-se, pois, de estabelecer um pacto entre as

pessoas que precisam de cuidados e as que as tratam; um pacto baseado na confiança e respeito mútuos, na sinceridade, na disponibilidade, de modo a superar toda e qualquer barreira defensiva, colocar no centro a dignidade da pessoa doente, tutelar o profissionalismo dos agentes de saúde e manter um bom relacionamento com as famílias dos doentes.

Tal relação com a pessoa doente encontra uma fonte inesgotável de motivações e energias precisamente na *caridade de Cristo*, como demonstra o testemunho milenar de homens e mulheres que se santificaram servindo os enfermos. Efetivamente, do mistério da morte e ressurreição de Cristo, brota aquele amor que é capaz de dar sentido pleno tanto à condição do doente como à da pessoa que cuida dele. Assim o atesta muitas vezes o Evangelho quando mostra que as

curas realizadas por Jesus nunca são gestos mágicos, mas fruto de um *encontro*, uma *relação interpessoal*, em que ao dom de Deus, oferecido por Jesus, corresponde a fé de quem o acolhe, como se resume nesta frase que Jesus repete com frequência: “A tua fé te salvou”.

5. Queridos irmãos e irmãs, o mandamento do amor, que Jesus deixou aos seus discípulos, encontra uma realização concreta também no relacionamento com os doentes. Uma sociedade é tanto mais humana quanto melhor souber cuidar dos seus membros frágeis e atribulados e o fizer com uma eficiência animada por amor fraternal. Tendamos para esta meta, procurando que ninguém fique sozinho, nem se sinta excluído e abandonado.

Todas as pessoas doentes, os agentes da saúde e quantos se prodigalizam junto dos que sofrem, confio-os a

Maria, Mãe de Misericórdia e Saúde dos Enfermos. Que Ela, da Gruta de Lourdes e dos seus inumeráveis santuários espalhados por todo o mundo, sustente a nossa fé e a nossa esperança e nos ajude a cuidar uns dos outros com amor fraterno. A todos e cada um concedo, de coração, a minha bênção.

Roma, em São João de Latrão, no IV Domingo de Advento, 20 de dezembro de 2020.

Francisco

© Copyright - Libreria Editrice
Vaticana

Libreria Editrice Vaticana

francisco-dia-mundia-doente-2021/

(09/02/2026)